

Covid, da pandemia ao meio normal

Armando Castelar Pinheiro

Valor, 20/10/2021

Como será o novo normal em um Brasil bem mais tecnológico e diferente?

Semana retrasada fui pedalar até o centro do Rio. Me surpreendi com quanta gente havia nas ruas, indo ou vindo do trabalho, ou já nos bares, aproveitando que o fim de semana começava. É uma evidência pontual, reconheço, mas consistente com indicadores mais amplos, como aqueles de mobilidade do Google e da Apple. A vida aos poucos entra em nova rotina que, sem ser a do pré-pandemia, está mais perto do normal do que foram 2020 e a maioria deste ano. Se fosse apostar, diria que o “meio normal” será a regra em 2022.

O principal motor dessa mudança é o sucesso na vacinação. Segundo o Ministério da Saúde, 97% dos brasileiros com 60 anos ou mais já receberam a segunda dose ou a dose única da vacina contra a covid-19. Na faixa de 40 a 59 anos essa taxa é de 76%, caindo para 48% no grupo de 25 a 39 anos e 32% no de 18 a 24 anos. Já as taxas para a primeira dose, ou única, são de, respectivamente, 100%, 94%, 86% e 80%. São ótimos números, que posicionam o Brasil para, até o fim do ano, ser um dos países com maior cobertura vacinal do planeta.

O avanço da vacinação e a queda no número de casos e mortes vão levar a um aumento da demanda por serviços, aí incluídos os que envolvem contato direto com outras pessoas. Isso já ajudou a que, nos seis meses até agosto, o setor de serviços tenha crescido ao ritmo anualizado de 6,7% ao ano, atingindo um patamar 4% acima daquele pré-pandemia. Essa recuperação tem puxado o nível de emprego, que também tem crescido com força, embora ainda estivesse, no trimestre móvel de maio a julho, 4,9% abaixo do nível alcançado dois anos antes.

Acredito que essa retomada do setor de serviços vai seguir forte neste trimestre e no primeiro de 2022. Setores como turismo e o transporte aéreo devem ir bem nas férias de verão, sendo provável que tenhamos um réveillon e, especialmente, um carnaval ainda mais animados que no pré-pandemia.

Uma boa referência é o que aconteceu no carnaval de 1919, após a grave pandemia da Gripe Espanhola, que, como o de 2022, ocorreu na virada de fevereiro para março. Como descreve Ruy Castro em *Metrópole à Beira-Mar*, foi o carnaval “da revanche - a grande desforra contra a peste que quase dizimara a cidade” do Rio de Janeiro. Como aponta ele, poucas “semanas antes estávamos a milímetros da morte” e quem “sobreviveu não perderia por nada aquele Carnaval”. Foi o melhor carnaval da história até então, quando estreou o Cordão do Bola Preta.

Penso que o consumo privado decorrente dessa demanda reprimida - por serviços, principalmente - será a principal força motriz por trás do crescimento do PIB em 2022. Um consumo em parte bancado pela considerável poupança acumulada ao longo da pandemia. No segundo trimestre de 2021, o consumo das famílias ainda ficou 3% abaixo do nível pré-pandemia, situação que vai ser logo revertida.

A retomada do consumo só não será maior porque há também fatores que jogam contra, como a política monetária mais restritiva; a perda de renda real, por conta da alta

inflação; a política fiscal que será de neutra a contracionista; e a alta do risco político, a permanecer o cenário eleitoral de forte polarização, que pode derrubar ainda mais a confiança e o preço dos ativos. Além disso, a indústria continuará sofrendo com a falta de componentes - inclusive para bicicletas! - e as famílias sentindo o patamar elevado de endividamento.

O carnaval de 1919 não trouxe de volta a Espanhola, como muitos temiam. A ver se, em 2022, teremos a mesma sorte: as aglomerações serão um grande teste para o esquema de vacinação. A menos de uma nova onda, porém, nada deve impedir que, passadas as férias, as empresas comecem a operar em um regime semi-presencial, o que fará a demanda por transporte público e alimentação fora do domicílio aumentarem. A volta às aulas em 2022 também deve ser em formato presencial, contribuindo para normalizar a demanda por serviços e, ao mesmo tempo, liberando os pais - e as mães em especial - para voltarem a suas atividades.

Isso reforçará a tendência de uma significativa recuperação do emprego, ainda que possivelmente sem apagar todas as perdas com a pandemia. Além disso, em que pese a desaceleração do crescimento chinês no terceiro trimestre deste ano, o cenário externo deve seguir com preços elevados de commodities, o que será positivo para a agropecuária e a extrativa mineral.

Em síntese, haverá uma volta à normalidade, mas só parcial, não só porque medidas de proteção sanitária seguirão necessárias - máscaras e distanciamento social -, mas também porque, quando a covid for embora, as coisas não serão iguais ao que eram antes. Em muitas áreas, como, por exemplo, nos serviços bancários, no comércio varejista e na própria administração pública, haverá mudanças permanentes, com maior uso da tecnologia. Também penso que haverá menos reuniões presenciais, menos viagens a trabalho e mais seminários pela internet.

Descobrir qual será o novo normal será parte do desafio de todos em 2022. Esse, aliás, é um bom tema a ser discutido na campanha eleitoral, em um Brasil que será bem mais tecnológico e diferente após a pandemia.